

Não é de hoje que os estudos literários têm debatido a respeito de suas fronteiras e especificidades, em suas múltiplas interações com outros campos do conhecimento. O novo livro do crítico italiano e professor da Universidade de Stanford, nos Estados Unidos, Franco Moretti, não entra nesse debate pelo viés da natureza do objeto (“o que é, afinal, literatura?”), mas sim pelo método de aproximação (ou distanciamento, no caso) a ele. Assim, Moretti sugere três modelos de explicação para a história, as formas e os gêneros literários: os gráficos da história quantitativa, os mapas geográficos e as árvores da evolução biológica.

Diante dessa proposta, o autor discorre em três capítulos exemplos de aplicação de seu método. Em seu primeiro capítulo, volta-se ao romance dos séculos XVIII a XX, valendo-se de pesquisas quantitativas, no tocante ao número de lançamentos, em períodos determinados, na Espanha, Itália, Japão, Nigéria e na Grã-Bretanha. Para Moretti, o estudo de obras individuais ao longo do tempo não é suficiente para se ter idéia da história literária, e da literatura, como um “sistema coletivo”. Não muito diferente do que Antonio Candido propôs em *Literatura e sociedade*, no qual difere a obra individual da literatura, enquanto instituição coletiva e sistema, que englobaria também os autores e o público. A novidade de Franco Moretti não é o fato de sublinhar a insuficiência da leitura cerrada sobre uma obra para se perceber as grandes estruturas de uma literatura nacional e/ou universal, mas sim a sua busca de um método que perceba os ciclos intermediários.

Explicando melhor, seus gráficos pretenderiam perceber algo que ficaria entre um “evento” raro – ou seja, a obra – e as macroestruturas de longa duração da história literária. Essas estruturas temporárias intermediárias formam, para ele, o “gênero literário”. O gênero literário seria, então, “uma forma que dura no tempo – mas sempre só por *um certo tempo*”<sup>1</sup>. E propõe-se a mostrar, em alguns gráficos, como a grande quantidade de romances

---

<sup>1</sup> Moretti, *A literatura vista de longe*, p. 31.

lançados em um período provoca o surgimento de subgêneros romanescos. O seu exemplo principal cobre os romances ingleses, entre 1740 e 1900. A sua pesquisa catalogou 44 subgêneros (como “epistolar”, “naturalista”, “fantasia”, de conversão”, “gótico” etc.) e percebeu, diacronicamente, o padrão relativamente regular de mudança, no qual subgêneros inteiros desaparecem. Para Moretti, algumas explicações podem ser aventadas a partir dos dados quantitativos, outras permanecem como um “problema sem solução”, como o desaparecimento simultâneo de vários subgêneros absolutamente distintos de uma só vez. E arrisca uma interpretação, que poderia ser a mais verossímil para ele: a ausência de leitores. Ou seja, os livros deixariam de existir se não forem lidos.

Aqui está uma das fragilidades do livro. Para Franco Moretti, os livros, especificamente os romances, são uma mercadoria que precisam de uma novidade regular. E, como tal, necessitam de um mercado de leitores. Até aí, nada a discordar. Contudo, o público de romances não é apenas formado a partir de livres escolhas ou pelo clima da época, ou por uma simples segmentação por gêneros (tanto literário quanto por identidade de autoria). Há uma série de agentes que influenciam no sistema literário, como demonstraram críticos como Pierre Bourdieu, Itamar Even-Zohar, Roger Chartier<sup>2</sup> e o já citado Antonio Candido. Editores, críticos, livreros, professores, meios de comunicação, instituições escolares, além de questões sociais determinantes, por exemplo, do acesso à leitura, todos influenciam os leitores, mesmo se considerando o recorte temporal escolhido por Moretti.

Mesmo não entrando no mérito da categoria “estética”, o livro de Moretti confronta-se com outras definições de literatura como sistema (como Even-Zohar e Candido) ou campo (como Bourdieu), uma vez que não problematiza outros agentes envolvidos. Bourdieu, por exemplo, trabalha com a relação entre a hierarquização dos gêneros literários e dos universos sociais atingidos, Candido com a formação da opinião literária e os instrumentos de divulgação, e Even-Zohar com as instâncias de legitimação e os elementos extra-literários, formadores de repertório e de mercado no sistema de literatura. Enquanto Roger Chartier mostra como

---

<sup>2</sup> Ver Bourdieu, *As regras da arte e Economia das trocas simbólicas*; Even-Zohar, *The literary system*; e Chartier, *Os desafios da escrita e Cultura escrita, literatura e história*.

os trabalhadores dos setores de impressão e livreiros tomaram decisões fundamentais na forma do livro, que influenciaram tanto em seu acesso quanto em suas vendas.

Em outro momento, Moretti analisa outro ciclo literário sob a perspectiva do gênero da autoria, tendo o romance inglês, entre 1800-29, como foco. E o gráfico apresentado demonstra que, ao longo desses anos, houve uma oscilação constante entre a proeminência quantitativa entre número de romances publicados por homens e mulheres. Para ele, tal alternância periódica teria contribuído para uma maior diversidade de formas que incrementaram o gênero romanesco. Aqui Moretti divide o tipo de romance por gênero: escritores preferindo romances de guerra e históricos e escritoras, histórias domésticas e romances provinciais.

Pelas suas fontes, o crítico italiano identificou tal oscilação como uma reconstrução de uma estrutura abstrata, conforme é sua proposta. Não obstante, no caso específico do gênero, é bastante complicado omitir questões como as limitações de acesso às mulheres no campo das letras. Mesmo no âmbito da literatura inglesa, o fato de que algumas escritoras, como George Eliot, escreviam sob pseudônimo, ou Jane Austen teve inúmeras dificuldades para encontrar um editor, são bastante relevantes, mesmo para uma pesquisa quantitativa. Além disso, o próprio gráfico mostra uma série de autores de gênero “não-identificado”<sup>3</sup>. Apenas uma pesquisa de resgate, como vem sendo efetuada pela crítica feminista, poderia suprir tal lacuna. A sua conclusão é problemática pois a coloca em um nível de “conflito” entre homens e mulheres, como se houvesse uma disputa entre os sexos por alguma hegemonia no âmbito do romance. Mesmo que a sua intenção seja a de mostrar quão úteis podem ser os dados quantitativos enquanto constituintes de estruturas explicativas para que os pesquisadores se debrucem posteriormente, a omissão de outros agentes no sistema literário e no mercado editorial termina por enfraquecer o argumento.

No último capítulo, Franco Moretti utiliza princípios da biologia evolutiva lançados por Charles Darwin para mostrar a diferenciação de formas literárias. Darwin desenvolveu diagramas morfológicos, as “árvores”, para mostrar que as espécies (e suas formas) diferenciam-se ao longo do tempo, afastando-se umas das outras por meio de mecanismos como

---

<sup>3</sup> Ver Duarte, “O cânone e a autoria feminina”.

a divergência de caracteres, a seleção natural e a extinção. Se os gráficos do primeiro capítulo não mostram as diferenças qualitativas, como salienta o autor, as árvores articulam-nas. Nesse momento não são mais contemplados gêneros, mas estilos dentro deles. Como exemplo, o autor debruça-se sobre histórias policiais inglesas publicadas durante dez anos em revistas, no final do século XIX. Ele observa que uma série de escritores, sendo o mais destacado Conan Doyle, começa a desenvolver técnicas narrativas em relação à presença de indícios para a resolução dos crimes, criando novos ramos para a “árvore” de desenvolvimento da forma narrativa policial. Microdiferenças nas formas em diferentes textos, que desenvolveriam a grande estrutura do gênero policial. Em outro momento, é exemplificada a utilização desse modelo teórico à evolução do estilo indireto livre na narrativa moderna. O autor constrói, então, uma “árvore”, mostrando que a técnica encontrou sempre uma outra técnica, como o discurso direto, com a qual teve que conviver para sobreviver. Até algumas rupturas acontecerem, como o romance modernista, criando os novos ramos nessa árvore, ou bifurcações.

Moretti deixa claro as restrições que seus métodos podem sofrer. Mas salienta, a todo momento, que debruçar-se sobre apenas alguns textos literários (o objeto real da literatura) e torná-los “típicos” e “exemplares” para compor a história e a teoria literária não torna-os suficientes enquanto objetos de conhecimento para esse campo, no sentido de estarem abertos a teorizações mais abstratas. Para ele, sempre que, a partir de uma única obra, ou apenas um número limitado delas (em especial do cânone literário), tenta-se extrair uma teoria, está-se deixando a maior parte de fora, e impossibilitando até mesmo perceber a visão do todo, incluindo os “ramos” não-canônicos.

Franco Moretti defende os modelos abstratos como uma forma de construir um novo método para debruçar-se sobre o campo literário, a fim de mudar o olhar e o trabalho sobre os objetos reais – os textos. Ao final, mostra-se convencido que não há uma única teoria que possa explicar “os vários níveis da produção literária e as suas múltiplas ligações com o sistema social em seu conjunto: daí um certo ecletismo teórico destas páginas e a natureza hipotética de muitas das conjecturas propostas”<sup>4</sup>.

---

<sup>4</sup> Moretti, *op. cit.*, p. 153.

*A literatura vista de longe* é um livro raro no âmbito da teoria literária. Ao privilegiar a utilização de um método em diálogo com outras ciências, incluindo as ditas “naturais”, Moretti polemiza com o campo, normalmente avesso a pesquisas que não enfatizem o caráter singular de cada obra. Para ele, o distanciamento (daí o título) em relação ao objeto-texto é apenas uma forma específica de conhecimento, não-excludente das interpretações relativas a cada obra.

Como salientou Regina Dalcastagnè, ao coordenar pesquisa sobre personagem do romance brasileiro contemporâneo, que também trabalhou com uma abordagem quantitativa e estatística, “o tratamento estatístico permite iluminar regularidades e proporciona dados mais rigorosos, evitando o impressionismo que, facilmente contestável por um impressionismo em direção contrária, impede que se estabeleçam bases sólidas para a discussão”<sup>5</sup>. Ela também ressaltou que os dados levantados servem tanto para subsidiar outras pesquisas mais detalhadas quanto para tecer inferências a respeito de um panorama da literatura brasileira contemporânea.

O livro de Franco Moretti, apesar de algumas fragilidades já comentadas, como perceber o mercado editorial apenas pelo viés dos leitores ou desconsiderar as questões relativas às instâncias de legitimação na formação do cânone, em especial o acesso das mulheres à publicação e à sua permanência na história literária, suscita discussões bastante interessantes. Propõe um novo olhar sobre a teoria e busca métodos para a análise de macroestruturas da série literária. Uma discussão árida, mas que seu texto trata com leveza, sem abrir mão de uma autocrítica constante diante das dificuldades de adequação desses modelos explicativos a outros modos de abordagem histórico-literárias.

### Referências bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- \_\_\_\_\_. “O mercado de bens simbólicos”, em \_\_\_\_\_. *A economia das trocas lingüísticas*. Trad. de Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 1974.

<sup>5</sup> Dalcastagnè, “A personagem do romance brasileiro contemporâneo”, p. 27.

- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1967.
- CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita*. Trad. de Fulvia M. L. Moretto. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Cultura Escrita, Literatura e História: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborit*. Trad. de Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- DALCASTAGNÈ, Regina. “A personagem do romance brasileiro contemporâneo”. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n° 26. Brasília, jul.-dez. 2005, pp. 13-71.
- DUARTE, Constância Lima. “O cânone e a autoria feminina.”, em SCHMIDT, Rita Terezinha (org). *Mulheres e literatura: (trans)formando identidades*. Porto Alegre: Palloti, 1997.
- EVEN-ZOHAR, Itamar. “Polysystem Studies”. *Poetics Today*, v. 11, n° 1, Spring 1990, pp. 9-94.

Luiz Ruffato – *De mim já nem se lembra*  
São Paulo: Moderna, 2007.

Cristovão Tezza – *O filho eterno*  
Rio de Janeiro: Record, 2007.

Francismar Ramírez Barreto

### Secreto a voces

Publicadas en el mismo año, dos narrativas recientes dan cuenta de la sociedad brasileña de las últimas tres décadas. Una a manera de novela epistolar (rotulada curiosamente como un volumen infanto-juvenil) y otra en tono confesional. La primera fue escrita por Luiz Ruffato, la segunda por Cristovão Tezza<sup>6</sup>. Más adelante veremos que incluso esta manera de presentarlas toma sentido al momento de una lectura compuesta. Como referencia personal o como testimonio, las historias han podido encauzarse en el camino de la crónica. Al final tienen material para ello. Sin embar-

<sup>6</sup> Ambos libros fueron publicados en portugués. Hasta el momento no se han vertido al español. Todas las traducciones son libres.